

Cadernos de estágio

A travessia

*Rayane dos Santos Martins*¹

Informações

1 rayanesantostmartins8@gmail.com

Como citar este texto

MARTINS, Rayane dos Santos. A travessia. Cadernos de Estágio, [S. l.], v. 8, n. 1, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n1ID42369](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n1ID42369).



Costumo relacionar minha experiência como docente à sensação de atravessar a passarela do Natal Shopping. Sempre tive muito medo de altura e, ao começar a frequentar a faculdade, precisava caminhar por essa passarela para pegar o ônibus de volta para casa. Suspensa ali, entre um lado e outro da cidade, eu me sentia também suspensa na vida, entre ser aluna e me tornar professora. Era uma passagem angustiante: minhas mãos suavam, eu sentia o frio na barriga e meu coração acelerava, como se estivesse em perigo iminente.

Certo dia, no entanto, eu corri por ela, corri para não perder o ônibus e não chegar atrasada à segunda aula de regência do meu Estágio Supervisionado de Formação de Professores com alunos da 3ª série do Ensino Médio. No caminho, já no ônibus, fiquei pensando no pedido que fiz à turma: que levassem um livro literário de que gostassem e que fosse significativo para compartilhar com a classe. Fiz esse pedido com certo receio, não sabia se realmente levariam os livros, nem o que fazer caso não levassem. Não sabia o que esperar daquela aula. E não imaginaria que ela mudaria algo em mim.

Quando cheguei à escola, os alunos já estavam em frente à biblioteca, e foi bonito ver, assim que passei pelo portão, aquele amontoado de estudantes com vários livros nas mãos, em frente à biblioteca, em meio ao burburinho do horário. Pareciam me esperar.

2

Quando entramos, eles se sentaram às mesas e em cadeiras bem juntinhas umas das outras. Pedi, então, que falassem sobre o livro favorito, houve alguma relutância em decidir quem iria começar, e logo pensei que a aula seria um fracasso. Comecei a ficar ansiosa, senti-me suspensa novamente, como se qualquer movimento fosse derrubar tudo. Mas, quando começaram a falar, vi o brilho discreto de quem ama a literatura. Aquilo... Aqueles olhos que tantas vezes parecem apáticos e desinteressados começaram a brilhar ao comentar sobre as histórias; aquele sorriso tímido escapando; o esticar de pescoço só para ver a capa do livro do colega; o arquejar de surpresa em determinados momentos... Aquela fração de minutos fez meu coração barulhento se acalmar e me fez sentir que toda a minha trajetória na faculdade valia a pena.

Observar e ouvir um “professora, te indico esse livro”, um “tenho outra teoria sobre o seu livro”, um “essa história mudou a minha vida” ou um “professora, fica mais um horário, por favorzinho” modificou minha percepção sobre a docência. Naquele instante, percebi que ensinar também é ser tocada pelos alunos, ser atravessada pelas descobertas deles. Foi um momento simples, como um clarão súbito que revela um caminho adiante e depois apaga, mas que deixa a sua marca. E, desde então, carrego essa marca comigo.

Saí da aula com a certeza de que é isso que eu quero fazer: quero provocar nos alunos o encanto e o encontro com as palavras. Entendi que ensinar também é isso: atravessar apesar do frio que insiste na barriga. E embora ele ainda volte, passou a ser bem-vindo, pois sei que haverá pessoas que me ajudarão nessa travessia ainda desconhecida. Do outro lado, encontro os alunos, a descoberta, o encantamento. A passarela continuava lá, alta, estreita, assustadora – mas eu já não era a mesma que a atravessara pela manhã. Hoje, não tenho mais medo de passarelas.